

* É monge beneditino e presbítero, teólogo e biblista. Durante oito anos foi secretário do arcebispo Dom Hélder Câmara para as relações com as outras Igrejas e religiões. Foi professor de Sagrada Escritura (Antigo Testamento) do Seminário Teológico da Arquidiocese de Goiânia de 1979 a 1984 e professor de Liturgia no Curso de Especialização de Liturgia da Faculdade Nossa Senhora da Assunção em São Paulo de 1979 a 1987. É professor convidado do CESEP (Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Pastoral) em São Paulo e de diversos organismos pastorais e ecumênicos em toda a América Latina. É assessor nacional das Comunidades Eclesiais de Base e da Comissão Pastoral da Terra. Atualmente é secretário latino-americano da Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT) e um dos três teólogos que compõem a Comissão Teológica da ASETT e desenvolve uma pesquisa sobre a relação entre Teologia da Libertação e Teologia do Pluralismo Religioso. Publicou 45 livros de Exegese Bíblica, Teologia Ecumênica, Liturgia e Espiritualidade, além de colaborar com várias obras coletivas.

E-mail: irmarcelobarros@uol.com.br

 <https://orcid.org/0000-0001-5712-0618>

Recebido em 20/10/20

Aprovado em 14/01/21



Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

A PROFECIA DA VIDA E DA INSURREIÇÃO NO VALE

DA MORTE

Uma leitura da pandemia a partir de Ezequiel 37

THE PROPHECY OF LIFE AND INSURRECTION IN THE VALLEY OF DEATH

A pandemic Reading from Ezekiel 37

*Marcelo Barros**

Resumo: O presente texto se constitui em uma perspectiva de reflexão que contempla profecia e pandemia no contexto atual. A pertinência da reflexão está em reinterpretar a profecia de Ezequiel 37, considerando a realidade pandêmica e o descaso com a vida humana. A dimensão dos “ossos secos” recoloca a perspectiva bíblica no chão da vida e confere à realidade de morte densidade teológica. A profecia de Ezequiel reforça que os ossos estão mais do que secos: bem ressequidos. Assim estava a vida do povo e aí a pergunta será que esses ossos poderão reviver? O objetivo é relacionar pandemia com a profecia, no sentido de retomar o fato de que viver a fé e a espiritualidade judaico-cristã significa ouvir uma Palavra em situação de exílio como aconteceu com Ezequiel e a responsabilidade do profeta é viver esta palavra e ser capaz de comunicá-la pela vida aos seus irmãos e irmãs.

Palavras-chave: Ezequiel 37. Pandemia. Profecia.

Abstract: The present text constitutes a perspective of reflection that contemplates prophecy and pandemic in the current context. The relevance of the reflection is to reinterpret Ezekiel 37 prophecy, considering the pandemic reality and the neglect of human life. The dimension of “dry bones” puts the biblical perspective on the ground of life and gives the reality of death theological density. Ezekiel's prophecy reinforces that the bones are more than dry: very dry. So was the life of the people and then the question will be that these bones will be able to revive? The objective is to relate pandemic to prophecy, in the sense of resuming the fact that living the Judeo-Christian faith and spirituality means hearing a Word in exile as happened with Ezekiel and the prophet's responsibility is to live this word and be able to communicate it through life to his brothers and sisters.

Keywords: Ezekiel 37. Pandemic. Prophecy.

INTRODUÇÃO

Em décadas anteriores, Hollywood produziu filmes Epidemia ou Fora do Controle (1995) e ainda Contato (2011), nos quais um vírus mortal punha em risco toda a humanidade. Por mais que estes filmes parecessem pesadelos inimagináveis no século XXI, o que estamos vivendo em 2020 no Brasil e praticamente em todo o mundo veio mostrar que a realidade ultrapassou todos os exageros da fantasia cinematográfica.

Mais ainda do que a cifra numérica de pessoas mortas pela Covid 19 e dos milhões de pessoas atingidas pelo vírus, é terrível ver que, em muitos países, a elite dominante e os governos se revelam mais preocupados em garantir o lucro das empresas e a perpetuação do sistema capitalista do que a própria seguridade humana e a vida no planeta Terra. Ainda bem que movimentos sociais se mobilizam para que esta crise gere algo de novo.

Pela ótica da fé, o Papa Francisco alerta: a vida depois da pandemia não pode repetir os valores de antes. E não basta a vacina contra a Covid 19. Temos de banir para sempre o vírus dos interesses egoístas que levam a sociedade ao consumo desenfreado e destruidor da natureza¹.

Para quem frequenta a Bíblia, este tempo de pandemia e suas consequências lembram um dos textos bíblicos mais famosos do Primeiro Testamento: a visão do profeta Ezequiel no vale dos ossos secos (Ez 37,1-14). Convido vocês a fazermos uma leitura deste texto, não tanto como estudo exegético. Devemos prestar atenção ao texto original e ao seu contexto para não fazermos leitura fundamentalista. No entanto, em uma leitura a partir da fé, queremos principalmente, através da releitura de Ezequiel, ouvir o que o Espírito diz, hoje, às Igrejas e ao mundo (Ap 2,5). O texto que segue aborda cinco aspectos. A profecia em situação de cativo (1); Os diversos cativos e as diversas formas de profecia (2); O contexto de Ezequiel 37 (3); Uma leitura de Ezequiel 37 a partir das nossas dores (4); E agora, na nossa realidade de Igrejas e de mundo (5).

1 A PROFECIA EM SITUAÇÃO DE CATIVO

Historicamente, além dos dados que o próprio texto da Escritura nos fornece, temos pouquíssimas informações sobre a pessoa e a vida do profeta Ezequiel. Como a maioria dos escritos bíblicos, também o atual livro de Ezequiel teve redação comunitária. O texto atual parece ter sido redigido em etapas diversas e progressivas dos séculos VI, V e talvez mesmo IV a. C. No entanto, podemos situar a missão profética de Ezequiel no tempo da invasão babilônica, da destruição de Jerusalém e do desterro de parte das famílias mais importantes para o cativo na capital dos caldeus².

Por respeito às realidades históricas diferentes, não devemos buscar semelhanças diretas entre a época bíblica e a atual. No entanto, ao ler o texto em seu contexto e suas relações, podemos nos deixar provocar por ele e pensar em nossa missão neste contexto atual que não é em nada semelhante ao antigo cativo babilônico, mas, como naquela época, é tempo de crise sócio-política que traz grandes desafios para a fé.

Ao contar miticamente um primeiro cativo dos hebreus no Egito antigo, o livro do Êxodo dizia: “Deus viu o sofrimento do povo e desceu para fazê-lo subir” (Ex 3,1s). De acordo com a Bíblia, Deus queria libertação, mandou o povo sair para ser libertado, mas o povo, aqui e ali hesitava.

1 Papa FRANCESCO, *La vita dopo la pandemia*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

2 Alonso SCHOKEL e J. L. SICRE DIAZ, *Profeta I*. p.687-691.

Essa situação se repetia. Ainda de acordo com a tradição bíblica, em 722 a.C, o reino do Norte caiu nas mãos dos assírios. Pouco mais de um século depois, o reino de Judá é destruído pelos babilônios.

Na época do cativeiro da Babilônia, diante da destruição de Jerusalém e do Templo, a fé do povo entrou em crise. De repente, tudo parecia revelar que Deus falhava e descumpria a promessa que havia feito de sempre proteger Israel. Alguns profetas como Jeremias explicavam que quem quebrou a aliança não foi Deus e sim o povo ao desobedecer à sua lei e não cuidar da justiça e do direito (Jr 7 e 26). O cativeiro teria sido consequência dos pecados do povo. Ao pé da letra, o povo tinha caído no cativeiro como castigo de Deus por causa dos seus pecados (Jr 25 e 29).

Na primeira parte de suas profecias, Ezequiel chama Jerusalém de prostituta e revela que sua destruição é consequência do caminho que a sociedade tomou (por exemplo, Ez 5,5ss; 16; 21,33ss).

Uma leitura ao pé da letra diria que o povo adorava outros deuses e foi infiel à lei de Deus. De forma mais profunda, se pode dizer que o próprio modelo de sociedade havia se afastado do projeto de sociedade que a aliança proposta por Deus (aliança entre as pessoas, baseada na justiça e na solidariedade). Por isso, a estrutura política se tornava frágil.

No livro do profeta Ezequiel, mesmo esta análise sobre responsabilidade pessoal e coletiva sobre a realidade sofre uma evolução. Aparentemente, o profeta que, no início, repetia as pregações sobre o pecado do povo percebe que não deve mais usar este tipo de argumento. Talvez porque, como o Deutero Isaías, percebeu que o povo “já havia recebido de Deus pena dupla ou castigo dobrado por todas as suas faltas” (Is 40,2).

É claro que ao falar em “*mão de Deus que castiga*”, os profetas antigos usavam imagens antropomórficas para lembrar que, na base da aliança em Deus e com Deus havia um projeto de sociedade baseada na justiça e no direito. Este projeto é violado quando a sociedade se divide, enfraquece e se torna alvo fácil dos inimigos.

Naquele contexto, de acordo com o que lemos em seu livro, Ezequiel era um jovem, filho e herdeiro do sacerdote Busi. As palavras de abertura do livro podem ser interpretadas no sentido de que ele teria 30 anos, quando foi chamado para ser profeta. Foi exilado na Babilônia, em meio às famílias judaicas que vieram como escravas. Ali, ficou sabendo que Jerusalém tinha sido totalmente destruída. O templo não existia mais e ele nunca teria oportunidade de exercer suas funções sacerdotais.

Por mais diferentes que os tempos sejam, podemos ligar o que vivemos agora com a época do cativeiro bíblico da Babilônia e com a realidade vivida pelo profeta Ezequiel. Em nossos dias, no meio do povo, uma das perguntas mais frequentes em videoconferências e debates tem sido: *Onde está Deus nesta pandemia? Como ligar fé e espiritualidade em tempo de quarentena?*

Ainda hoje, há ministros de Deus que tentam explicar essa pandemia como consequência dos pecados da humanidade. E ao fazerem isso, não estão recorrendo ao argumento de ecologistas e fiéis de espiritualidades originais que dizem: “*A mãe Terra está tentando se defender de tantas agressões*”. Esses pastores (católicos e evangélicos) não fazem análises da sociedade e do momento. Apenas evocam pecados individuais e no plano moral. Quase sempre no que diz respeito à Moral Sexual. No Brasil, houve grupos católicos e pentecostais que acusaram até o Carnaval como o pecado que gerou a pandemia.

Em muitos países, como medida de segurança, os governos proibiram os cultos presenciais. Muitos padres católicos e pastores evangélicos, ao verem suas Igrejas serem esvaziadas, sustentaram a tese de que os cultos seriam atividades essenciais à sociedade. Por isso, deveriam ser mantidos mesmo durante a quarentena social.

Ezequiel nos propõe outro tipo de explicação e outro modo de agir. Ao ver que o Templo não existe mais e ele tem de exercer sua profecia no cativeiro e em meio ao povo cativo, o profeta nos ensina que, antes de sermos ministros do sagrado, estamos chamados a ser profetas e profetizas da Palavra.

2 OS DIVERSOS CATIVEIROS E AS DIVERSAS FORMAS DE PROFECIA

Atualmente, no Brasil e no mundo, os milhares e milhares de irmãos e irmãs vítimas da Covid 19 não foram apenas vítimas do vírus. Morreram porque, na maioria dos nossos países, a saúde se tornou mercadoria. Os sistemas de saúde são privatizados e inacessíveis à maioria do povo. No Brasil, terceiro país do mundo em desigualdade social, metade da população não tem acesso a saneamento básico (sistemas de esgotos). Como esta multidão de pobres pode se proteger durante este tempo de quarentena? A classe média e rica pode ficar em casa, mas os trabalhadores pobres e as empregadas domésticas têm de trabalhar para sobreviver. A pandemia revelou vírus mais mortais do que a Covid 19. Além da vacina para um vírus, temos de nos vacinar contra os interesses egoístas, a indiferença social e a visão da terra e da natureza como mercadorias. Como falar de fé e de Deus nesta realidade? Em nossos dias, até que ponto o próprio discurso religioso não é legitimador destas injustiças estruturais?

Na experiência de Ezequiel, ao perceber a aparente ausência de Deus diante do sofrimento do seu povo, o profeta fica mudo (Ez 3,26 e de novo 33,21). Não há o que falar. Não dá para explicar. Se a função de profeta é exatamente ser porta-voz de Deus, a figura de um profeta mudo é a própria contradição. Pior ainda: Ezequiel declara ter sido o próprio Deus quem o tornou mudo. Diz que Deus ameaçou que só abriria sua boca quando o povo se convertesse. Antes, não haveria razão para que lhe fosse dada uma palavra de Deus (Ez 3,27 e de novo 33,22).

Voltando a olhar para nossa realidade, neste tempo de pandemia, em muitos países, eclesiásticos passaram a abusar de símbolos religiosos. Usam o sacramento da eucaristia e a cruz de Jesus como símbolos mágicos. Inflacionaram a sensibilidade religiosa das pessoas como se fosse para convencer Deus a se arrepender e deixar de castigar a humanidade. Assim, deram ao mundo péssima imagem de Deus. Rer o texto de Ezequiel nos leva a pensar que talvez a profecia mais justa tivesse sido exatamente fazer como o profeta do exílio: calar e respeitar o silêncio divino diante do que está acontecendo.

3 O CONTEXTO DE EZEQUIEL 37

Sobre o contexto histórico e social, só sabemos o que o próprio texto diz. Não vale a pena entrar no debate técnico dos exegetas que defendem dois períodos ou etapas de missão do profeta, sendo uma na Judeia e outra na Babilônia. Mesmo estudiosos que defendem essa separação de tempo, concordam que, ao menos, a partir do capítulo 33 o cenário parece ser o exílio da Babilônia³.

Quanto ao contexto literário, o capítulo 37 se situa na terceira parte das profecias de Ezequiel, na qual a mudez do profeta é retirada. Então, de novo, o profeta pode falar. A Palavra de Deus volta a ecoar. Ela se expressa na forma de visão (no estilo de apocalipse) e também na antiga forma de profecia, ou seja, interpretação da visão aplicada à realidade e à vida do povo de Deus.

3 Para esta discussão ver Alonso SCHOKEL e J.L. SICRE DIAZ, *Profeta II*, p.688-690.

Dentro da terceira parte do livro, a maioria dos estudos aponta uma maior unidade redacional que vai do capítulo 34 a 37. Esta parte reúne profecias de consolação e esperança como ocorrem com o livro do chamado Deutero-Isaías e de Jeremias 31–33, ou mais tarde Zacarias 9 em diante.

O capítulo 37 contém a visão macabra de um cemitério cheio de ossos ressequidos. No entanto, o seu centro continua a bela promessa contida no capítulo anterior: o Senhor conduzirá os exilados em novo Êxodo para a terra prometida, os purificará de suas impurezas e lhes dará um coração de carne, pondo neles/as o seu sopro de vida, a sua Ruah (Ez 36,24ss).

A visão do profeta é narrada em linguagem apocalíptica, como um sonho ou arrebatamento (“a mão do Senhor me pegou”). Isso vai até o verso 11. Do verso 12 a 14, o tom passa a ser mais concretamente de uma profecia que explica e aplica a visão à realidade do povo cativo. E do versículo 15 em diante, o profeta anuncia ou propõe a unidade dos dois reinos, o de Israel e o de Judá. A libertação precisa desta unidade. Até hoje, se os oprimidos não se unirem, mesmo em suas diferenças, dificilmente conseguirão seus objetivos.

4 UMA LEITURA DE EZEQUIEL 37 A PARTIR DAS NOSSAS DORES

Ao iniciar a leitura do texto, é bom valorizarmos o tom de testemunho. As profecias de Ezequiel têm este estilo. São narradas como experiências pessoais. “*A mão do Senhor veio sobre mim... O Senhor me levou para fora...*” (Ez 37,1). Deus nos leva para fora. No caso de Ezequiel, Deus o leva para uma planície ou vale. No início do seu ministério, Deus lhe havia dito: “*Levanta-te e vai para o vale. É ali que eu vou te falar*” (3,22). Agora, nesta visão do capítulo 37, é o próprio Deus que o leva para o vale. Não se trata de perguntar se histórica e geograficamente seria o mesmo vale ou planície. Pouco importa. Teológica e espiritualmente sim o simbolismo é o mesmo. Só que no caso desta visão a qual o profeta se sentiu arrebatado como em êxtase, Deus o colocou em um vale (ou planície) repleto de ossos. “*Fez-me circular no meio dos ossos em todas as direções*” (v.2). Deus tirou o profeta, levou-o para fora (atualmente, o Papa Francisco propõe uma Igreja *em saída*). Para onde o levou? Para o meio de uma planície cheia de ossos. E fez o profeta circular no meio dos ossos em todas as direções.

Para um profeta de família sacerdotal, arraigado na antiga cultura judaica, andar no meio dos ossos de cadáveres, significava se tornar ritualmente impuro (Lv 21,1-4 e 22,4). Essa não é a temática do texto. No entanto, é mais um elemento que revela até que ponto a realidade que o profeta vive é desafiadora. Talvez, atualmente, mais do que nunca, nossas Igrejas sejam chamadas a ir além dos seus sistemas e de suas culturas relativas ao sagrado.

Jesus parece ter vivido o mesmo. Para nós que lemos hoje os evangelhos nem nos damos conta de que Jesus, ao curar o leproso, faz questão de tocá-lo. Ao fazer isso, ele assume o estado de impureza legal, como se possibilitasse a inclusão do leproso no templo, ele próprio se tornando impuro (Mc 1,41). Aos católicos, o Papa Francisco diz que prefere “uma Igreja acidentada, ferida, enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos” (EG 49).

O texto de Ezequiel reforça que os ossos estão mais do que secos: bem ressequidos. Na sua visão, o profeta vê ossos ressequidos. Se para a cultura judaica ossos fora da sepultura representam um absurdo, revelam a ameaça de impureza ritual. Mais ainda: para a pessoa morta, ter seus ossos expostos fora da sepultura é uma maldição. Através de

Jeremias, Deus fez esta ameaça aos reis e aos nobres de Jerusalém: “Vou tirar os seus ossos das sepulturas e os seus esqueletos ficarão expostos ao sol, à lua e às estrelas” (Jr 8,1-3). Era o castigo reservado à elite opressora do povo.

Ao ver os ossos secos, Ezequiel não julga nem culpa ninguém. A tradição judaica interpreta com muita liberdade os textos bíblicos. No tempo antigo, em seus comentários midráshicos de Ezequiel, o rabino Yehoshuah Ben Korha ensinava que aqueles ossos teriam sido dos 600 mil hebreus saídos do Egito. Outro rabino antigo dizia que eram os ossos dos efrimitas que tinham querido se libertar antes dos outros e, por isso, tinham sido massacrados pelos filisteus⁴.

Para nós, o que o texto nos diz é que os ossos estão mais do que mortos: secos e ressequidos. É bom ver estes atores que aparecem no texto além do profeta: de um lado os ossos secos, do outro o Espírito.

Como nos outros textos do livro, o profeta é chamado de “*ser humano*” (filho do homem). No texto de Ezequiel, o termo não tem ainda a conotação escatológica e a relação com o mito babilônico da Divindade Humanizada que, por exemplo, toma nos textos apocalípticos do livro de Daniel (Dn 7). O profeta é simplesmente o humano. E o que Deus lhe pergunta é “*se estes ossos poderão reviver*”. O profeta responde “*Só Tu, Senhor, sabes*”. E Deus lhe manda profetizar aos ossos.

Embora os termos hebraicos sejam diversos, é claro que o texto de Ezequiel lembra o livro do Gênesis quando diz: “Do pó da terra, o Senhor formou o ser humano, com o seu sopro, soprou em suas narinas e lhe deu o seu sopro de vida” (Gn 2,7). Agora em Ezequiel, não é mais diretamente. E o profeta que invoca o sopro divino para que este possa reentrar nos ossos e lhes restituir a vida. Parece irônico mandar os ossos escutarem a profecia, já que os vivos não querem escutá-la. Não deixa de ser estranho imaginar que ossos possam escutar uma profecia.

A conclusão a que podemos chegar é que existe um tipo de profecia que para ser eficaz depende da qualidade da escuta. No entanto, a profecia que dá vida contém de tal forma a energia criativa do amor que faz surgir vida mesmo no reino da morte. Esta é a força da Ruah Divina.

Neste texto, aparece oito vezes a palavra ossos e dez vezes o termo *ruah* sopro, espírito (ar em movimento), seja se referindo ao sopro divino, seja ao sopro de vida humana. O profeta diz a palavra do Espírito para os ossos. O texto é muito forte ao sublinhar a importância da profecia: “*Enquanto profetizava...*”, se escutou. O texto diz: “*houve um terremoto, se escutou trovão e os ossos se juntaram*”. As forças cósmicas da natureza respondem à humanidade que a agride, se desequilibrando. Aí acontecem terremotos e furacões como forças destruidoras da vida. Aqui, a natureza se torna aliada da vida e o terremoto e trovão colaboram com a profecia, ou até fazem parte da profecia que restitui vida aos ossos secos da humanidade. No entanto, mesmo se eles se tornaram corpos humanos, “*faltava-lhes o sopro da vida*”. Era como se, mesmo tendo recebido o sopro de vida que lhe permitiu formarem corpos, lhes faltasse o Sopro maior que consiste na vida autônoma e renovada. É como se o próprio ato do Espírito se desse em um processo. No livro de Jó, o patriarca ora assim: “Lembra-te, por favor, que me fizeste como argila e, agora, me reduces ao pó?” (Jó 10,9-11).

No versículo 8, o texto de Ezequiel se refere a diversos espíritos. Deus manda o profeta chamar o Espírito dos quatro ventos. A fórmula parece única em toda a Bíblia: “*profetiza ao Espírito*” (v.9). Até então, estávamos habituados que, em nome do Espírito, a

4 FARHID, Daniel, (rabino), *Haftarah do ShabbathHolHamoed de Pesah*, homilia publicada em uma sinagoga de Paris, divulgada na internet, 21 abril 2014.

profecia é dada às pessoas. Neste capítulo de Ezequiel, a profecia é dada aos ossos secos e depois, Deus manda dizê-la ao Espírito e o denomina “Espírito dos quatro ventos”. Isaías tinha se referido aos sete espíritos ou dons do mesmo Espírito (Is 11,2). O Apocalipse falará nos sete Espíritos de Deus (Ap 1,4). Em um texto escrito para uma obra coletiva publicada na Itália, o teólogo irlandês Diarmuid O’Murchu afirma que, com os aborígenes australianos e com os nativos da Nova Zelândia aprendeu que o “*Grande Espírito*” e os *Espíritos*, adorados por alguns povos tradicionais, são expressões do mesmo Espírito que a tradição bíblica chama de Ruah Divina⁵.

Neste momento de grave crise ecológica e civilizacional, um desafio atual para as Igrejas cristãs é não somente respeitar e dialogar com as tradições dos povos originários (indígenas) e comunidades afrodescendentes, mas inserir-se e aprender com eles e elas uma espiritualidade cósmica e da natureza que nos ajude a colaborar para o reencantamento do mundo. No sul do México, Guatemala e alguns lugares da América Central as etnias Maya iniciam cultos saudando o Espírito presente nas quatro direções do mundo. Na cordilheira, povos andinos fazem a “*invocación à lassietedirecciones*” (al este, al norte, al oeste, al sur, el arriba, el abajo, el centro)⁶. Do mesmo modo, é preciso ver nas manifestações dos Orixás, dos Inquices ou Voduns nas diversas formas de Candomblé, Santeria, Umbanda e tradições afrodescendentes a mesma fonte comum, a Ruah Divina que nos chama à profecia da vida.

É estranho que até ao invocar o Espírito, Deus manda o profeta dizer para o Espírito fazer reviver estes corpos mortos (o termo hebraico usado aí *harugin* significa literalmente “assassinados ou massacrados”). Então, os ossos secos de repente se tornaram símbolos de resistência (osso é o que resta de mais duro em um corpo) e símbolos de um martírio coletivo.

Como não recordar aqui os mais de 30 mil irmãos e irmãs, mártires da caminhada latino-americana, como pessoas assassinadas. Mas, o número de mártires vivos/as que resistiram a perseguições e continuam o seu testemunho é bem maior.

Agora, o processo está concluído e os ossos formam um grande exército. No verso 11, a visão dá lugar à interpretação profética: “*estes ossos são toda a casa de Israel*”. E aí como no Êxodo do Egito, Deus mostra que escuta o grito e o lamento dos oprimidos. São como que três queixas: A primeira é “*Nossos ossos estão secos*”. Os salmos contêm estas queixas: “*Minha vida se acaba em aflições... meus ossos se consomem*” (Sl 31,11). “*Faze-me ouvir o júbilo e a alegria e exultem estes ossos que trituraste*” (Sl 51,10). A segunda queixa ou lamentação é quase final: “*Ve’avedatikvaténu: nossa esperança acabou*”. Por isso, os ossos estavam para além de secos. A conclusão é a terceira lamentação: *estamos perdidos*. É a este tríplice grito que Deus responde com a profecia que vai do verso 12 a 14 do capítulo 37.

A linguagem lembra a do Êxodo. Lá Deus dizia: “*Eu descí para fazer o povo subir*” (Ex 3). Agora Deus diz: Eu vou descer até as vossas sepulturas para vos fazer sair (*fazer sair* é o mesmo verbo usado para o Êxodo). É estranho que durante toda a visão não se falou em sepultura. Era vale aberto cheio de ossos. Aqui o texto parece vir de outro contexto literário e cultural, certamente posterior. Muitos exegetas creem que os versos 12 e 13 foram acrescentados posteriormente ao texto⁷. Inclusive há quem veja na redação destes versos a influência de um poema apocalíptico colocado no texto de Isaías, mas que é posterior ao exílio. Ali estava escrito: “*Teus mortos reviverão, seus cadáveres vão se levantar. Acordai para cantar, vós que dormis debaixo da terra*” (Is 26,19).

5 Diarmuid O’Murchu, *Orizzonti dello Spirito nel XXI secolo*, In: A cura di Claudia FANTI e José Maria VIGIL, *Il Cosmo come rivelazione: Una nuova storia sacra per l’umanità*, p.163-164.

6 RED DEL BUEN VIVIR, *Eterno Deseo: Reflexiones para una eco-espiritualidad*, p.19-20.

7 MAERTENS, Thierry e FRISQUE, J., *Guia da Assembleia Cristã III*. p.209.

É claro que esta linguagem permitiu aos grupos cristãos interpretarem sempre esta profecia de Ezequiel como promessa da ressurreição. Certamente, esta perspectiva estava presente na redação do texto do Apocalipse de Isaías, no século IV ou III a.C.

Em Ezequiel, o horizonte é a volta do exílio e a restauração do povo de Israel-Judá. No seu contexto histórico, o conteúdo de Ezequiel 37 é primeiramente social e político. Isso não nega a perspectiva da ressurreição que tem sempre por trás da palavra o termo insurreição e o prefixo re que nos coloca na perspectiva de uma segunda e mais profunda insurreição pela vida provocada pelo Espírito, Ruah Divina⁸.

5 E AGORA, NA NOSSA REALIDADE DE IGREJAS E DE MUNDO

A leitura de Ezequiel 37 nesta realidade que estamos vivendo parece nos desafiar a retomar a perspectiva de viver e compreender a fé como profecia. Concretamente, retomar o fato de que viver a fé e a espiritualidade judaico-cristã significa ouvir uma Palavra em situação de exílio como aconteceu com Ezequiel e a responsabilidade do profeta é viver esta palavra e ser capaz de comunicá-la pela vida aos seus irmãos e irmãs.

Frente a tendências de um cristianismo ritual e autocentrado, um texto como Ezequiel 37 nos ajuda a firmar uma vocação profética através de um estilo de vida e de espiritualidade, baseado na palavra e na ética da libertação como meio de vivermos a maior intimidade com Deus.

Esta espiritualidade sócio-política libertadora se revela na pluralidade de caminhos e sensibilidades. Ensinam-nos a caminhar juntos/as na diversidade de gêneros, nas lutas contra o patriarcalismo, o racismo, a xenofobia e as diversas formas de homofobia. Assim, poderemos nos unir aos gritos dos milhões de pessoas que neste mundo são excluídas. Assim, poderemos como Ezequiel receber de Deus o encargo de “*profetizar ao Espírito*”, para que este mundo se transforme de um vale de ossos secos e ressequidos em uma terra nova na qual a justiça ecossocial e a paz possam florescer.

Os evangelhos mostram que Jesus uniu em sua pessoa e na sua atuação a dimensão carismática ou pentecostal da fé e a dimensão transformadora ou revolucionária. Só unindo estas duas dimensões poderemos hoje realizar o encargo de “*profetizar ao Espírito*” para que o mundo deixe de ser um vale de ossos secos e se transforme em terra do bem-viver. O texto de Ezequiel nos faz retomar a profecia do Salmo 104, antigo hino egípcio a Aton Ra, o Sol. Ele foi assumido pelos profetas e profetizas da Bíblia, tornou-se um hino contemplativo da ação divina no universo e nós o resumimos dizendo: “*Envia, tua Ruah Divina, o teu Espírito de Amor e toda a terra será recriada e sua face renovada*” (Sl 104,29-30).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARHID, Daniel, (rabino). *Haftarah do ShabbathHolHamoed de Pesah*. homilia publicada em uma sinagoga de Paris, divulgada na internet, 21 abril 2014.
- FRANCESCO Papa. *La vita dopo la pandemia*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2020.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- HABTU, Tewolddemedhin. *Ezequiel*. In: ADEYEMO, Tokunboh, (editor geral). *Comentário Bíblico Africano*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.
- MAERTENS, Thierry e FRISQUE, J. *Guia da Assembleia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1970.

⁸ Tewolddemedhin HABTU, *Ezequiel*, In: Tokunboh ADEYEMO, *Comentário Bíblico Africano*, p.1002-1003.

- O'Murchu, Diarmuid. *Orizzonti dello Spirito nel XXI secolo*. In: A cura di FANTI, Claudia e VIGIL, José Maria. *Il Cosmo come rivelazione: Una nuova storia sacra per l'umanità*. Verona: Gabrielle Editori, 2018.
- RED DEL BUEN VIVIR, (BROWN, Laura; BURGESS, Sarah y Comité Editorial). *Eterno Deseo, Reflexiones para una eco-espiritualidad*. Santiago de Chile: Ed. Com-spirando, 2011.
- SCHOKEL, Alonso e SICRE DIAZ, J. L. *Profeta II, (Grande Comentário Bíblico)*. São Paulo: Paulus, 2011, 3.ed.